

**“HOMENS DE CULTURA” NA TERRA DE MACUNAÍMA: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DOS INTELECTUAIS NO INTERIOR PAULISTA (1957-1976).** Felipe Freitas de Souza, Rosa Fátima de Souza. – Educação – Pedagogia – Departamento de Ciências da Educação – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

O projeto de pesquisa *“Homens de cultura” na Terra de Macunaíma: um estudo sobre a atuação dos intelectuais no interior paulista* objetiva investigar a relação entre o ensino superior público e a sociedade local. Pretende-se analisar a atuação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Institutos Isolados do Ensino Superior (FFCL-IIES) e de seus intelectuais na cidade de Araraquara - SP, no período de 1957 a 1976.

O estudo proposto faz parte do Projeto Integrado “História da Ciência e da Universidade no Interior Paulista”, coordenado pela Professora Rosa Fátima de Souza e desenvolvido junto ao Núcleo de Documentação e Memória do Centro Cultural Professor Waldemar Saffioti (NDM-CCPWS) pertencente à Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Araraquara.

Levando-se em conta a organização do acervo documental do arquivo pessoal do Professor Waldemar Saffioti, tem-se buscado compreender o processo de institucionalização da universidade pública considerando o papel desempenhado na comunidade por seus acadêmicos.

Assim, a pesquisa parte da história da configuração da Unesp – para afunilar especificamente no “contexto araraquarense” e no curso de Química.

No estado de São Paulo, a expansão do ensino superior público tem a sua história decorrente da política de “interiorização” desse nível de ensino, implementada pelo governo do Estado no final da década de 40 do século XX. De fato, como assinala Vaidergorn (2003), data de 1948 a Lei Estadual nº 161, de 24 de setembro, promulgada pelo governador Adhemar de Barros, regulamentando a criação de estabelecimentos públicos de ensino superior em cidades do interior do estado de São Paulo. No início dos anos 50 foram implantados os primeiros Institutos Isolados de Ensino Superior: Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara, em 1951; Faculdade de Farmácia e Odontologia de São José dos Campos e Araçatuba em 1954 e Faculdade de Odontologia de Piracicaba em 1955. A partir de então se constituiu o sistema estadual de ensino superior e o Conselho Estadual de Ensino Superior em 1955. Em seguida foram instaladas as Faculdades de Filosofia Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior (FFCL-IIES) em várias localidades – São José do Rio Preto, Assis, Araraquara e Rio Claro em 1958 e Marília e Presidente Prudente em 1959. Em 1976, os 13 Institutos Isolados do Ensino Superior mantidos pelo Estado de São Paulo, acrescidos de mais uma unidade, foram reunidos dando origem à UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Lei Estadual n. 952, de 30/01/1976).

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (FFCL) iniciou seu funcionamento com os cursos de Letras e Pedagogia instalados em 1959. O curso de Química começou a funcionar em 1961 e o de Ciências Sociais em 1963. Até ser incorporada à Universidade Estadual Paulista – UNESP, em quase 20 anos de funcionamento, a FFCL – IIES juntamente com a Faculdade de Odontologia e Farmácia foram importantes centros acadêmicos na região da “Alta Araraquarense”. Responsáveis pela formação das elites dirigentes da região, os docentes dessas instituições participaram ativamente da vida cultural e política do município. Pode-se dizer que essas instituições acadêmicas desempenharam um papel cultural importante no desenvolvimento regional que ainda está por ser devidamente estudado e dimensionado.

Na presente pesquisa, o recorte dado à relação entre o ensino superior e a sociedade focalizando a atuação dos intelectuais, abrange o período de criação da FFCL-IIES de Araraquara em 1957 até a sua incorporação à UNESP em 1976. Dessa maneira, tem-se buscado construir um quadro abrangente para, partindo dele, posteriormente aprofundar a análise das relações entre o campo universitário com outros campos, de modo especial, o campo científico e o campo político.

Já a história de Araraquara, como a de vários outros núcleos urbanos importantes no interior do estado de São Paulo, é tributária do desenvolvimento econômico propiciado pela cultura cafeeira e as vias férreas na transição do século XIX para o século XX. A “interiorização” do ensino superior público no estado acompanhou a dinâmica desse desenvolvimento econômico e urbano.

Em meados do século XX, Araraquara já se caracterizava pela diversificação econômica e pelo crescimento industrial. Data dessa época a instalação de empresas importantes como a indústria Zanim e a Nestlé. O processo de urbanização foi crescente a partir desse período. Surgem também sindicatos, já que os trabalhadores passam a se organizar em virtude do aumento do desemprego na área de comércio, serviços e logística – setores estes responsáveis pelo desenvolvimento da cidade ainda hoje.

Ocorre também a diversificação da agricultura, mas não das elites. Essas acabam se inserindo na cultura e na política, e inclusive certos “melhoramentos” (Reforma da Praça da Matriz, Reforma da Praça Pedro de Toledo, etc.) são proporcionados por elas. Adotando uma imagem de comprometimento com o bem público elas assumem uma administração paternalista, sem ameaçar seus interesses. Mesmo o embate partidário acaba relegado a segundo plano, dado o número pequeno de indivíduos e grupos alternando no poder, o que nos leva a compreender o “Estado” araraquarense como Processo e não como Instituição – cenário que perdura até os dias atuais. A hegemonia de algumas famílias foi notável na cidade:

Em 1945, famílias como os Carvalho por exemplo, que comandaram – na figura de Plínio de Carvalho – a prefeitura de 1917 a 1929 caíram no ostracismo, o que não significou a diminuição da importância familiar na política local: o que houve na verdade foi uma troca de famílias no poder assumido nesta época pelas famílias Lupo, Nigro, Barbieri entre outras. (BARNABÉ, 1998,p.56).

Pode-se afirmar também que as elites políticas tiveram uma característica de continuísmo político (ibidem, p.61-7).

Entretanto, não devemos desmerecer as contribuições desta elite para a cidade no segundo quartel do século XX, como a Biblioteca Municipal e o Teatro Municipal, seja em sua antiga ou em sua atual configuração. A partir da década de 70, centros técnicos migram para a cidade e as instituições de ensino superior passam por reposicionamentos – como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que é transferida de sua localização original, no Palacete São Bento, para sua localização atual. Nesse mesmo período, Sartre vem para a cidade, Telarolli publica suas obras, Antônio Cândido realiza conferências. Porém, destaque deve ser dado para as elaborações técnicas e científicas da região, o que acarreta na vinda de empresas que colocam Araraquara como um Pólo de Desenvolvimento Tecnológico do Estado – justificando novamente a implementação de um curso de Química.

Nesse ambiente vieram se somar os intelectuais vinculados à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Faculdade de Odontologia, da Faculdade de Farmácia e do Instituto de Química. As aproximações, vínculos e influências recíprocas desses “homens e mulheres de cultura” constituem o objetivo desse estudo.

Levando em conta que o foco central deste estudo é a atuação dos intelectuais, partimos das considerações de BOBBIO (1997) e GONZALEZ (2001) sobre o intelectual considerando-o efetivamente detentor de uma cultura diferenciada ocupando um *locus* particular na sociedade. Nessa diferenciação (pretensão ou não) os intelectuais se colocam como um grupo possuidor do que se poderia chamar de “força intelectual”. Essa força permite que seus anseios sejam orientados, requisitados e atendidos, dado se colocarem como portadores de conhecimentos ou como portadores de técnicas (*experts*, em Bobbio). Contudo, os intelectuais não constituem na sociedade uma classe homogênea, nem são depositários de um único corpo de doutrinas. Para Bobbio (1997), dependendo das atitudes e das ideologias que defendem, os intelectuais podem ser considerados progressistas ou conservadores, radicais ou reacionários, libertários ou autoritários, céticos ou dogmáticos. É dessa maneira que se pode dizer que eles também exercem um poder sobre a sociedade, especialmente por meio de suas idéias que servem mais como meios de persuasão do que de coação. Bobbio assinala ainda que em determinados períodos históricos ou em determinadas circunstâncias, os intelectuais são considerados os sujeitos a quem se atribuem de fato ou de direito a tarefa específica de elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou simples opiniões, que constituem as idéias ou os sistemas de idéias de uma época e de uma sociedade (Bobbio, 1997). O poder desses homens de cultura pode ser observado em momentos históricos marcantes, por exemplo, na influência que os intelectuais exerceram durante a Reforma Protestante e na Revolução Francesa,

na liderança que obtiveram em determinadas circunstâncias e também no avanço científico e tecnológico proporcionado por suas publicações.

Os intelectuais exercem no interior das instituições acadêmicas inúmeras atividades e funções, várias entre elas vinculadas e determinadas socialmente. A própria produção da ciência não se encontra desvinculada das relações de poder – daí a análise sobre o campo científico e o campo político, pautado, no caso específico deste projeto de pesquisa, na trajetória intelectual e política de Waldemar Saffioti.

Essa diversidade de funções, a produção da ciência, o ensino, a produção de idéias, a participação política, a intervenção pública, etc., colocam a atividade intelectual no centro e na interseção de vários campos sociais. Além disso, os intelectuais constituem um grupo com características bem definidas, trata-se de um grupo de pessoas que se reconhecem entre si e que falam umas com as outras mesmo quando presumem ou pretendem falar com o público (Bobbio, 1997).

Além de uma compreensão sobre os intelectuais, o estudo proposto fundamenta-se também na concepção de campo de Bourdieu (2001b, 2004 e BOURDIEU, In. ORTIZ, 1983).

Para Bourdieu o campo se constitui em um espaço social de lutas relacionando-se com o *habitus* e com o capital. Os participantes do campo ocupam diferentes posições legitimadas por regras estabelecidas, próprias do campo em disputa. Os indivíduos que compõem um campo inscrevem em suas práticas um certo *modus operandi*, um *leitmotiv* herdado de sua inserção “acidental” ou não num campo anterior ou no campo, que influencia todas as suas relações tanto de forma potencial quanto de forma limitadora. Significa dizer que o campo obedece determinada hierarquia e que os agentes sociais inclusos no campo obedecem determinada trajetória.

No campo, portanto, existem os que ocupam um patamar elevado e os que se encontram na base, ou seja, que têm pretensões ou não de ascender. Este movimento de ascensão deve ser galgado e percorrido a partir da acumulação daquilo que é valorizado no campo. A aquisição desse capital, desse valor dentro do campo, só é possível através de uma ruptura com as práticas vigentes no campo, o que seria de certa forma “tomar de assalto” o que se quer, ou de um reconhecimento pelos que se situam numa camada superior na hierarquia, e que poderão investir seu capital no indivíduo fazendo-o se tornar detentor de certo capital adquirido pela produção de bens simbólicos (como no caso dos cientistas) e dando-o a possibilidade de produzi-los (BOURDIEU, In. ORTIZ, 1983, p.138). Essa última postura acaba sendo a adotada normalmente.

Por se constituir em um espaço de disputas, os integrantes do campo não se colocam imparcialmente em relação às questões e embates que são abordados. Segundo Bourdieu, a estrutura do campo “se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estrutura da distribuição do capital específico, resultado das lutas anteriores que se encontra objetivado nas instituições e nas disposições e que comanda as estratégias e as chances objetivas dos diferentes agentes ou instituições.(...)”(ibidem, p.133 ).

A universidade e os intelectuais que nela exercem seu ofício o fazem na articulação de diferentes campos (o campo científico, com o campo educacional, o campo cultural e o campo político, por exemplo).

Inicialmente, nos voltamos para a investigação do campo político em Araraquara na década de 70. Para tanto, temos utilizado como fonte de pesquisa parte do acervo de recortes de jornais do arquivo Waldemar Saffioti, principalmente *O Diário* e *O Imparcial*. Além de jornais, temos utilizado também fontes secundárias; especialmente, estudos sobre a cidade. Para o mapeamento do campo político local iniciamos pela identificação dos agentes políticos atuantes nas décadas de 1960 e 1970 (vereadores e prefeitos). Num segundo momento, recorremos aos projetos apresentados na Câmara dos Vereadores por Waldemar Saffioti enquanto vereador da cidade no período de 1977-1982.

Em torno dos recortes de jornais no acervo do professor Saffioti, percebemos a recorrência de jornais do período de 1975 e 1976 que tratam de política municipal (n´*O Diário* e *O Imparcial*). A principal função desses jornais é evidente: entender os principais políticos envolvidos no período para que o professor viesse a se inserir. Assim, os jornais traçam os principais participantes da vida política na cidade (Clodoaldo Medina, Arnaldo Izique Caramuru, Waldemar De Santi, Octávio de Arruda Camargo, Gildo Merlos, Aldo Comito, entre outros), suas atuações e se relacionam principalmente ao embate entre ARENA e MDB, sendo este segundo o partido no qual o professor Saffioti se inseriu e foi eleito. Os jornais apresentam, assim, o campo político araraquarense.

Os projetos de Saffioti na Câmara apresentaram, principalmente, a influência do campo acadêmico em sua atuação política: seja pela argumentação científica em alguns projetos, principalmente os relativos ao meio-ambiente, onde os danos causados à natureza são bem exemplificados para justificar os projetos do professor – por exemplo, contra a queimada de cana; seja na homenagem aos funcionários e professores da UNESP ou em benfeitorias para as imediações do Instituto de Química. Também poderemos apreender que Saffioti “teve de se haver” com os grupos políticos do município, devendo a eles reconhecimentos – seja aos que vieram anteriormente, como a homenagem a Rômulo Lupo, seja no reconhecimento das entidades sindicais e de seus dirigentes.

Podemos, assim, afirmar que a atuação política de Saffioti sofreu da “distância intelectualocêntrica” (BOURDIEU, 2001b, p.54) proporcionada pelo seu isolamento escolástico: diremos que o professor tendo adquirido seus modos de percepção, elaboração e ação de um meio universitário (que a ele se manteve relacionado mesmo após sua aposentadoria), não deixou de colocá-los em prática mesmo assumindo um posicionamento outro em um outro campo (do campo acadêmico ao campo político, sinteticamente). Como o primeiro acadêmico a ser eleito vereador em Araraquara, percebemos em que medida sua *práxis* intelectual se aproximou e simultaneamente o distanciou de um universo político que obedece a leis, esquemas e estratégias diferenciados de um universo acadêmico; mas que não deixam ou deixaram de se relacionar, enviesando comumente, em determinados momentos, suas práticas.

### **Referências Bibliográficas**

- BARNABÉ, I.R. *Elite Política e Poder Local: um estudo de caso em Araraquara (1990-1995)*. Araraquara, 1998. Dissertação de Mestrado – UNESP/FCLAr
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o Poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997
- BOURDIEU, Pierre. *Lições da Aula*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2001a
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b
- BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. *O Amor pela Arte: Os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004
- CORRÊA, Anna Maria Martinez. *Para Preparar a Mocidade: Fragmentos de memórias na história da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara – 1923-1976*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998
- GONZALEZ, Horácio. *O que são Intelectuais*. São Paulo: Brasiliense, 2001
- KERBAUY, Maria Teresa Miceli. *A morte dos coronéis: política interiorana e poder local*. Araraquara, São Paulo: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000
- ORTIZ, R. (Org.) Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- SOUZA, José Maria Viana de. *Araraquara: 212 anos de história*. São Carlos, São Paulo: Editora Compacta, 2003a
- SOUZA, José Maria Viana de. *Araraquara: 170 anos de política*. São Carlos, São Paulo: Editora Compacta, 2003b
- TELAROLLI, Rodolpho. *Para uma História de Araraquara (1800-2000)*. Araraquara, São Paulo: UNESP, FCL, Laboratório Editorial, 2003
- VAIDERGORN, José. *As Seis Irmãs: as FFCL do Interior Paulista*. Araraquara, São Paulo: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003

**Bolsa:** AP/CNPq